

Alpia Couto-Lenzi.\*

# A Integração das pessoas surdas.

Ao aceitar o convite para escrever sobre a integração das pessoas surdas, vejo a oportunidade de transmitir minha experiência de quase 43 anos como professora, diretora, orientadora, supervisora, pesquisadora e escritora, além de coordenadora dos serviços de educação em âmbito estadual e nacional, sempre nesta área. Esta é a razão de, desta vez, estar escrevendo na 1ª pessoa, reforçando meu objetivo de transmitir esta experiência que tenho tido com os surdos, testemunhando sua extraordinária capacidade de integração.

Esta capacidade será mesmo extraordinária ou apenas humana?

Se analisarmos o que ocorre em outras deficiências, veremos que existe no ser humano essa *vontade* de integrar-se, de fazer parte do grupo

maior. Exemplos disso são: um cego que aprende a atravessar sozinho ruas movimentadas; um deficiente físico que é capaz de executar tarefas usando somente os pés, de pintar belos quadros segurando os

impor-lhes limitações?

Antes de falar sobre a integração de pessoas surdas é necessário avaliar suas possibilidades:

Vindo da Antigüidade a

**Vindo da Antigüidade a idéia de incapacidade das pessoas surdas, elas ainda costumam ser vistas como portadoras de "um par de orelhas que não funcionam."**

pincéis com os pés ou com a boca...<sup>1</sup>

Essas pessoas deficientes não são apenas "cegos", "paralíticos", "aleijados", "mutilados" ou "surdos"; são seres humanos com aquela força *natural de superar dificuldades, de vencer desafios...*

Será que alguém terá o direito de impedi-los ou de

idéia de *incapacidade* das pessoas surdas, elas ainda costumam ser vistas como portadoras de *um par de orelhas que não funcionam*. Pensando nesse ouvido *sem função*, muitas pessoas acabam achando que um surdo além de "incapaz" de ouvir é, também, incapaz de compreender, de falar, de realizar estudos acadêmicos, de desempenhar ati-

<sup>1</sup> "Associação dos Artistas sem mãos", Guarulhos, SP.

\* Álpia Ferreira Couto Lenzi.

Professora, Pedagoga especializada em educação de surdos e no Método "Perdoncini", com especialização em Patologia da Linguagem pela Universidade de Nice, França, Mestre em Linguística, pela Universidade de Strasbourg, França, ex-professora do INES, ex-coordenadora da área de Deficiência Auditiva no E.Santo; ex-coordenadora da mesma área no CENESP-MEC, atual Presidente da AIPEDA Associação Internacional "Guy Perdoncini" para o Estudo e a Pesquisa da Deficiência Auditiva; autora dos livros: *Posso Falar, Como posso falar, O deficiente Auditivo de 0 a 6 anos, Modelo de Integração para o deficiente auditivo in Modelo teórico de integração do excepcional no sistema regular de ensino, Teste de Percepção da Fala (no preto)*; co-autora de: *Como compreender o Deficiente Auditivo, Atividades e Recursos Pedagógicos para os Deficientes Auditivos, A audição é o Futuro da criança surda e tradutora de Comunicação Infantil*.

vidades intelectuais e de socializar-se como as demais pessoas.

Neste final de século XX, depois de todo o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, parece já ser o momento de encarar a realidade atual dos surdos. Embora ainda não conseguindo perceber todos os sons, são capazes de desenvolver uma enorme gama de capacidades e habilidades, podendo alcançar a comunicação na língua de seu país, de escolarizar-se e desempenhar funções as mais diversas.

Já é hora de ver o outro lado dos surdos: *as suas potencialidades normais*, aquelas que existem além do ouvido deficiente. Ele não é deficiente; só o seu ouvido é deficiente. E isto ele pode superar, pois é um ser humano inteligente e muito capaz.

Se fosse dado crédito às capacidades que uma pessoa surda pode desenvolver, já seria uma vitória, porque não teriam que ficar confinados em sua diferença.

Será que uma pessoa tem a obrigação de ser diferente das demais, apenas porque não é capaz de perceber todos os sons que as outras percebem?

Será que terá que ser discriminada na família, na escola, na igreja, no trabalho, no clube, na vida social, tendo tudo "*especial*" e constituindo um mundo à parte?

Em primeiro lugar será preciso que nós, as pessoas "ouvintes" pensemos que não nos foi dado o direito de excluir ninguém por ter uma deficiên-

**(...) em todos os tipos de surdos, há diferentes graus de perda: leve, média, severa e profunda, cada uma delas interferindo de uma maneira na aquisição e conservação da língua oral (...)**

cia, por ser diferente do padrão normal que nós, todos poderosos, representamos. Somos perfeitos? Eles são imperfeitos?

Em segundo lugar, a surdez não tem um padrão. Há dentro da surdez, uma enorme gama de diferenças que, estas sim, precisam e devem ser pesquisadas e orientadas individualmente. Assim, entre os surdos existem:

1. aqueles que já nascem surdos e os que ensurdecem após seu nascimento;

2. entre os que nascem surdos há os que têm surdez hereditária e os que são vítimas de algum fator não hereditário, que os tenha afetado durante a gestação ou o parto;

3. entre os que ficam surdos após o nascimento, há aqueles que têm surdez pré-lingüística e os que já haviam adquirido a língua materna antes de ensurdecem; os que ensurdecem em crianças ou adolescentes e os que ficam surdos já na idade adulta;

4. em todos os tipos de surdos, há diferentes graus de perda: leve, média, severa e profunda, cada uma delas interferindo de uma maneira na aquisição e conservação da lín-

gua oral;

5. os surdos severos e os profundos são os que, em caso de surdez pré-lingüística, são os mais prejudicados sob o aspecto da comunicação. Chega-se até a pensar (popularmente) que "um surdo profundo não pode ser capaz de adquirir a língua de seu país...!"

Se forem analisados os itens acima, será fácil compreender que não é possível, honestamente, falar de "surdo" para estabelecer critérios de educação ou de integração. Há muitos "surdos" e todos, e cada um deles tem o direito de ser considerado de acordo com as suas *capacidades e potencialidades individuais*, como um indivíduo único que é.

Avaliando os resultados obtidos em educação auditiva e aquisição da Língua Portuguesa, por pessoas portadoras de perdas severas e profundas, constatei grandes diferenças. Com o mesmo grau de perda auditiva, havia alguns que chegavam a surpreender pela rapidez e qualidade das aquisições. A observação dos audiogramas dessas pessoas mostrava, sempre, que tinham preservadas as frequências de 2000 e 4000 Hz, mesmo em intensidades acima de 90 dB. Mais lentos e inferiores eram

<sup>2</sup> Todo o relato desta pesquisa encontra-se no livro que está no prelo, devendo ser publicado no próximo mês de junho: TESTE DE PERCEPÇÃO DA FALA.

os resultados daqueles que tinham freqüências, apenas, até 1000 Hz. Esta observação levou-me à realização de uma pesquisa envolvendo a observação de 455 audiogramas, tendo constado que, em 177 surdos severos, 65 tinham freqüências até 4000 Hz e em 278 surdos profundos, 108 tinham, também conservadas as mesmas freqüências.<sup>2</sup>

A partir da pesquisa acima mencionada, passamos a ter o 6º item relativo às diferenças entre os surdos, que é a diferença em seu campo freqüencial preservado e que vai interferir diretamente em suas possibilidades de aproveitamento da audição residual e aquisição da língua oral.

É do conhecimento de to-

tiva.

Aplicado o TESTE DE PERCEPÇÃO DA FALA, que vem de ser validado pela experiência com pessoas surdas severas e profundas além de pessoas ouvintes, os resultados confirmaram minhas suposições. Realmente, há uma grande diferença entre um surdo severo ou profundo que tenha preservadas as freqüências de 2000 ou 4000 Hz

Esta é uma informação da maior importância, numa época em que os aparelhos de amplificação sonora para surdos estão cada vez mais aperfeiçoados, assim como os meios de diagnóstico e os métodos de educação auditiva e aquisição

**Depois desta constatação fico pensando se nossas autoridades não estão a par destas descobertas científicas e tecnológicas na área da audição: se não sabem que mesmo surdos profundos têm grandes possibilidades de desenvolver a função auditiva.**

dos que existe uma zona freqüencial em que percebemos os sons da fala, situando-se entre 250 e 4000 Hz; sendo que de 500 a 2000 Hz é a zona de freqüência da maioria dos fonemas da cadeia falada.

Minha experiência e de meus colaboradores tem demonstrado que o fato de uma pessoa surda, mesmo com perda profunda, ter acesso a estas freqüências faz uma enorme diferença, desde que seja devidamente aparelhada e que receba uma correta educação auditiva que possibilite o desenvolvimento da função audi-

da língua oral, garantindo uma real possibilidade de aproveitamento da audição residual. E, essa audição dos surdos deve ser utilizada, não apenas com o objetivo de comunicação oral. Pesquisas realizadas têm demonstrado a importância da educação auditiva dos surdos, porque:

*“a falta de utilização de uma grande zona cerebral determina desequilíbrio na estrutura do circuito neuro-psico-associativo, repercutindo negativamente no resto do funcionamento do cérebro”.* Perello e Tortosa,

1968.

Depois desta constatação fico pensando se nossas autoridades não estão a par destas descobertas científicas e tecnológicas na área da audição; se não sabem que, mesmo surdos profundos têm grandes possibilidades de desenvolver a função auditiva, bastando, para isso, que usem um aparelho de amplificação sonora e que recebam uma correta educação auditiva. Mesmo os surdos que não têm as freqüências da zona da fala, e têm perdas acima de 100 dB podem beneficiar-se dos implantes, que, também já são uma realidade, até no Brasil.

Por que será que uma tão grande porcentagem (a maioria) de nossos surdos severos e profundos permanece isolada dos avanços da Ciência? Se não têm acesso a todas as possibilidades que já foram criadas e desenvolvidas em seu benefício, se são conservados à margem do progresso, como podem integrar-se? Como podem vencer suas dificuldades, se parece que existe uma vontade maior de conservá-los à parte?

Todas estas questões me vêm à mente, quando analiso a integração das pessoas surdas. O que vejo é um pequeno grupo de profissionais trabalhando com um pequeno grupo de pessoas surdas (cujas famílias têm recursos para financiar os aparelhos, os atendimentos, os implantes) que progridem e passam a fazer

parte do grande grupo social, integrando-se nele. E, do outro lado, observo um grande grupo de surdos ( a maioria) que fica afastado das possibilidades de integração, porque sua família não tem recursos financeiros ou porque não acredita que surdos possam deixar de ser também mudos. Desde a Antigüidade foi assim, porque deveria mudar, agora?

E nossas autoridades, o que têm feito para que tudo isso se modifique?

Será que alguém pode, licitamente negar aos surdos seu *legítimo direito* de utilizar sua audição, de aprender a língua falada em seu país, de integrar-se à sociedade?

Para que a integração ocorra, é necessário um processo que deve envolver a criança surda desde o diagnóstico, até uma educação correta, com a garantia de utilizar os meios especiais de que necessita para vencer suas dificuldades.

Humboldt dizia que *"não é possível ensinar linguagem, mas apenas oferecer as condições para que ela se desenvolva naturalmente, na mente de cada um"*.

Será que nossas crianças surdas estão recebendo as condições necessárias, não só para que possam adquirir a língua de seu país, à qual têm direito como cidadãos, mas as condições de serem devidamente diagnosticadas, educadas e integradas?

Quando vejo os exemplos que listarei a seguir, fico pensando: por que todos os outros não podem receber igual educação e obter resultados semelhantes?

Exemplos de casos de surdos brasileiros:

1. R.K., 30 anos, surdo profundo desde 4 anos, formado em medicina, casado e com uma filhinha, vive integrado na

família, no trabalho e no grupo social a que pertence;

2. E.P. surda profunda, hereditário, casada, mãe de família, com filhos ouvintes, com os quais conversa e a quem orienta;

3. A.F. de 8 anos, surdo profundo, que vive com a família e já se comunica oralmente, percebe sons como a campainha da porta, que atende; se está no banheiro é capaz de atender um chamado de fora

da, vivem independentes, tem apartamento próprio, comprado por eles;

10. S.O. Surdo profundo, casado com uma pessoa ouvinte, mantém a família, já com filhos adolescentes e adultos, uma cursando Medicina.

11. M.B. surdo profundo, com a freqüência de 2000 Hz em 105 dB, começou sua educação com 14 meses, foi integrado em escola regular a partir dos 3 anos de idade. Está

**Será que alguém pode, licitamente, negar aos surdos seu legítimo direito de utilizar sua audição, de aprender a língua falada em seu país, de integrar-se à sociedade?**

e já percebe inúmeros ruídos ambientais; está em escola comum desde os 6 anos;

4. J.M.R. e R.R., adultos, irmãos, surdos profundos, que usam o telefone para dizer o que querem, sendo capazes de perceber o sinal de dar a linha, diferente do sinal de ocupado (som breve e som longo) como aplicação da educação auditiva. Isto já é feito por vários surdos, de forma semelhante.;

5. C.C.G. adolescente, surda e deficiente visual, capaz de discriminar o ruído de um caminhão que pare em frente à sua casa do latido de um cachorro e se comunica por telefone e interfone, avisando que chegou ou que vai demorar;

6. F.G. Surdo médio, hoje pastor evangélico;

7. C.S.C. surdo médio, atualmente médico pediatra;

8. C.O. surdo médio, hoje engenheiro;

9. M.C. e seu marido, ela com perda severa e ele profun-

com 13 anos, cursa o 1º grau, com um nível de comunicação normal, apenas com pequenas incorreções fonéticas esporádicas.

Seria muito longo continuar enumerando os casos de completa integração social de surdos. Estes exemplos tiveram o objetivo de tornar mais concretas as afirmações anteriores.

Para finalizar, gostaria que este artigo pudesse contribuir para que as pessoas que, de alguma maneira, estão exercendo alguma influência sobre uma pessoa surda, que de algum modo interferem na vida de um surdo, pensem na enorme responsabilidade que têm em relação a eles. Que pensem que uma oportunidade tirada ou não oferecida poderá implicar em um prejuízo irreparável em sua vida e em sua integração. **Que pensem em suas potencialidades e não em seu ouvido deficiente.**